Contra os intelectuais socialistas [1]

Os filósofos não conseguiram até aqui pôr-se de acordo sobre o sentido exato a atribuir às teses habitualmente reunidas sob a rubrica de materialismo histórico, sobre a melhor maneira de as utilizar para as investigações eruditas e sobre o valor científico das induções a que foram conduzidos os autores que as adotaram. Os embaraços da crítica teriam sido bem menores se ela estivesse relacionada com as circunstâncias em que essas fórmulas foram construídas, apesar de tão célebres mas também, habitualmente, tão mal compreendidas. Se se tivesse procedido desta forma, as doutrinas marxistas teriam sido iluminadas pela própria luz que pretendem projetar sob a história; de qualquer modo, parece-me certo que não saberíamos aprofundar verdadeiramente um sistema filosófico tão considerável se não o submetermos à prova dos seus princípios metodológicos; ninguém duvida que o marxismo não seja um desses sistemas que não se podem julgar só pelas normas de uma crítica vaga.

Marx não se preocupou assim tanto quando muitos dos autores que se apresentam como sendo os seus intérpretes autorizados, afirmaram, temerariamente, os fins ambiciosos que pretendem atingir ao seguir aquilo a que chamam as regras do materialismo histórico; não deu uns cânones de interpretação universal aos sábios que estudam uma certa época, próprios para dar uma explicação fundamental de todos os factos importantes. Há uma boa razão para que o seu objetivo fosse outro: é que não parece que ele tivesse mais do que conhecimentos sumários sobre uma parte importante do passado e especialmente sobre a antiguidade clássica; mas tinha suficiente bom senso para não se aventurar a enunciar leis que seriam facilmente contestáveis.

Concentrou mais frequentemente o seu pensamento sobre uma catástrofe que devia, a breve trecho e segundo os seus pontos de vista pessoais, provocar a derrocada do regime capitalista; quis instruir os homens que partilhavam, de uma forma mais ou menos completa, os seus pressentimentos relativamente aos destinos do mundo moderno; foi assim levado a misturar, de uma forma por vezes muito íntima, concepções muito pessoais para o esclarecimento do desenvolvimento histórico com considerações unicamente destinadas aos socialistas do seu tempo.

---

[1] Prefácio para Edwin Seligman, *L'interprétation économique de l'histoire*, 1911. Título da responsabilidade do editor.

O teórico do método histórico que queira escrever inspirando-se nas idéias marxistas deve começar por afastar tudo o que é especificamente revolucionário. Compreendo assim o que Marx disse para persuadir os seus amigos de que podiam ter plena confiança na vinda anunciada da catástrofe; para lhes mostrar qual a forma mais conveniente para assinalar os vícios da sociedade capitalista às pessoas habituadas a raciocinar sobre coisas sociais; para as chamar para o socialismo e para lhes dar, enfim, conselhos de prudência. No que permanecer dos ensinamentos marxistas, será preciso estabelecer uma classificação rigorosa das fórmulas, pois estas apresentam valores muito diversos para o historiador: tanto podem ser empregues a praticamente todos os tempos, conduzindo às fontes mais importantes das descobertas; como tanto podem ser apenas empregues com prudência para certas épocas e, por vezes, não revelam senão aspetos muito acessórios dos fenómenos.

***

O prefácio de Marx no início de *Critique de l'économie politique* é muito apropriado para mostrar como as preocupações socialistas do autor eram mais importantes para o seu espírito do que construir uma filosofia da história. Ele próprio afirma, no fragmento autobiográfico contido nesse documento, que os seus trabalhos foram dominados pelo desejo que ele sentia por esclarecer as dúvidas sobre as doutrinas socialistas comuns.

Segundo Marx, podemos estabelecer quatro grandes divisões na formação do mundo económico atual: a época asiática, a antiguidade clássica, a feudalidade e a burguesia moderna; tudo isso forma uma pré-história, segundo a sua apreciação; chegamos agora ao fim dos tempos que se caraterizaram pelos antagonismos que encontramos nos processos de produção [2]; uma revolução criará um sistema novo liberto desses antagonismos, sobre a qual acreditava, em 1859, que não havia qualquer previsão a propôr [3]. Um pouco antes, Marx tinha traçado um esquema da revolução; considerando o texto literalmente, este esquema devia explicar a passagem de qualquer uma das quatro fases para a fase seguinte [4].

---

[2] O prefácio de 1859 foi escrito numa forma mais abstrata; é por isso que o termo classe não aparece aí.

[3] Em 1875, na sua carta sobre o programa de Gotha, Marx mostrou-se menos discreto; mas podemos perguntar se levou a sério o progresso para o comunismo absoluto que ele descrevia.

[4] De cada vez que estamos em presença de um texto importante de Marx, é muito útil apresentar ao leitor uma parte do texto alemão, não só porque a terminologia de Marx é muito particular mas também porque as traduções podem deixar dúvidas no espírito, mas também porque a

"Num certo ponto do seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade são contrariadas pelas relações de produção existentes [5] ou ainda, visto do ponto de vista jurídico, pelas relações de propriedade em que as elites progrediram até aí [6]. Em vez de serem formas de desenvolvimento das forças produtivas [7], estas relações transformam-se em cadeias [8]. Começa então uma época de revolução social. Com a alteração da base económica [9] modifica-se completamente, com mais ou menos rapidez, toda a superestrutura gigantesca [10].

É evidente que esta descrição não se aplica, de forma alguma, às duas primeiras passagens; não nos faz compreender como é que a economia da antiguidade clássica sucedeu à do mundo oriental e não lança qualquer luz sobre a Europa pré feudal. Este quadro foi evidentemente inspirado pela história da Revolução francesa; de qualquer maneira, não pode existir qualquer dúvida acerca deste ponto quando nos reportamos à passagem do *Manifesto comunista* onde Marx, doze anos antes, falou dessa transformação:

"Os meios de produção e de circulação [11], na base dos quais se formou a burguesia, foram engendrados [12] na sociedade feudal. Num certo momento do desenvolvimento [13] destes meios, as relações nas quais a sociedade feudal produz e comercializa, a organização feudal de agricultura e da manufatura, numa palavra, as relações feudais da propriedade, não correspondem mais às forças produtivas já então desenvolvidas [14]. Retardaram [15] a produção em vez de a favorecer [16]. Transformaram-se em algemas [17]. Deviam ser partidas: foram partidas [18] ".

Imediatamente após ter exposto a obra da Revolução francesa, Marx passa para os factos que se produzem debaixo dos olhos dos seus leitores, que ele expõe de maneira a fazer

---

sua linguagem é muitas vezes cheia de imagens e as imagens são sempre de interpretação imperfeita.

[5] gerathen in Widerspruch mit den vorhandenen ProduJcHons verhaeltnissen
[6] mit den EigenlhumsverhaeUnissen innerhalh deren sie sich bisher heivegt hatten
[7] Aus Entiüicklungsformen der Produktivkraefte
[8] schlagen in Fesseln derselben nm
[9] Mit der Verhaendenmg der oekonomischen Griindlage
[10] luaelzt sich der ganze imgeheure Ueberbau itm
[11] Produkdons und Verkehrsmittel
[12] erzeugl
[13] Note-se que a expressão "auf einer gewt^sen Stufe der Entioicldung" se encontra no prefácio de 1859
[14] eatsprachen den schon enhuickeltjn Produkiivkraeften nicht mehr
[15] heinmfen
[16] foerdern
[17] Sie verivandelten sich in eben so viole Fesseln
[18] sie ivurden gesprengt

sobressair as analogias que acredita encontrar entre o tempo presente e o fim do século XVIII; espera levá-los assim a considerar uma catástrofe próxima como sendo extremamente provável: "As relações burguesas de produção e de circulação [19], as relações burguesas de propriedade, a moderna sociedade burguesa, que fez jorrar por encantamento [20] os poderosos meios de produção e de circulação, é semelhante ao feiticeiro que já não consegue dominar as forças subterrâneas que evocou [21] ... As forças produtivas de que dispõe já não servem mais para melhorar [22] as relações burguesas de propriedade. Pelo contrário, tornaram-se demasiado poderosas para estas relações; são impedidas por elas [23]; se ultrapassarem este obstáculo [24] lançam a desordem [25] em toda a sociedade burguesa; põem em perigo [26] a existência da propriedade burguesa". Marx pensa que a sociedade não pode ultrapassar as crises senão por um processo bárbaro que consiste em suprimir muitas das forças produtivas, ou então pela descoberta de novas oportunidades - um processo aparentemente mais sábio, mas muito perigoso, que tende a suscitar a criação de novas forças produtivas e que torna ainda mais graves as crises futuras. E Marx conclui assim: "As armas [27] com que a burguesia derrubou a feudalidade, viram-se agora contra a burguesia" [28].

Por causa dessas semelhanças, que pensou encontrar entre a situação de 1847 e a de 1789, Marx acreditou ter estabelecido que se produziria uma catástrofe, com toda a probabilidade, desde que o proletariado, organizado como poder político, utilizasse as mesmas armas que a burguesia tinha forjado.

Sem dúvida, encontramos hoje muito poucas pessoas dispostas a considerar como satisfatórias as analogias que Marx via como demonstrativas. Admitindo mesmo que as crises se produzem segundo o quadro que traçou, podemos opor à sua tese várias objeções que a arruínam de cima a baixo.

---

[19] Die bürgerlicJien Produktions und Verkehrsverhaeltenisse
[20] hervorgezaubert hat
[21] Encontra-se aqui uma descrição das crises de sobreprodução
[22] Befoerderung
[23] von ihnen gehemmf
[24] dies lîemrnniiz überivmden
[25] bringen in Unordnung
[26] gefaehrden
[27] Waffen
[28] O contexto mostra que não se tratou de armas materiais, como vários autores pensaram, mas sim de armas espirituais.

1º O Antigo Regime, pela sua fiscalidade mal estabelecida, pelos usos feudais e por uma regulamentação incómoda, impediu muitas vezes o aparecimento de novas forças produtivas; Marx fala-nos, para o tempo atual, de males que se manifestam em intervalos bastante afastados [29] como consequência de uma criação exagerada de forças produtivas.

As crises provocam o encerramento de fábricas, a ruína dos patrões, a miséria de numerosos trabalhadores; criam a pobreza, mas muito ao contrário do que foi criada pelo Antigo Regime.

Teoricamente ameaçam a existência da propriedade, porque o caráter essencial da propriedade burguesa é a estabilidade [30] e nos países (como a América) onde as crises são frequentes, a riqueza oferece, pelo contrário, um caráter fluido. A burguesia acreditava que o Código Civil tinha assegurado uma segurança perfeita à sua propriedade, que lhe falava, pelo menos teoricamente, antes da Revolução. A proximidade entre os tempos antigos e os tempos atuais é bastante distante.

Todos os males das crise têm origem em erros cometidos, durante os anos prósperos, sobre as necessidades a satisfazer; os excessos podem ser extremamente graves nos povos que levam o espírito de concorrência até ao delírio; é por esta razão que Marx torna a propriedade individual responsável pelas crises. Não é possível conceber como possam desaparecer os erros que as engendram, enquanto a alma humana for sensível às excitações do acaso; o acaso nunca poderá desaparecer do consumo, quanto mais não seja como consequência de acidentes climatéricos. A propriedade privada não é a única responsável pelos desastres descritos por Marx e, portanto, não a podemos comparar diretamente com a propriedade feudal.

2º A Revolução francesa quis afastar do caminho dos produtores as pessoas que os incomodavam e que não tinham qualquer papel útil na produção; os chefes de indústria tiraram um muito bom lucro da independência assim conquistada. A revolução proletária esperada por Marx deveria afastar esses chefes da indústria e entregar as forças produtivas a uma classe que ainda não tinha qualquer influência sob a direção dos negócios. Podemos dizer que há uma contradição entre os dois tipos de revoltas identificadas por Marx.

---

[29] Marx admitirá, no *Capital*, que o período atual das crises é de dez a onze anos (tome I, trad. franç., p. 280, col. 1)

[30] Este caráter tem a ver com o facto do Código Civil ter a sua origem na economia rural.

3º Para comodidade da sua tese, Marx reduziu a Revolução francesa à supressão simples dos direitos feudais, supressão que teria sido feita com o objetivo de favorecer o progresso da produção. Se refletirmos sobre a importância desta operação e a importância que teria a supressão do capitalismo, ficamos desencorajados com a prodigiosa diferença quantitativa que existe entre estas duas coisas que Marx acha serem tão análogas; em 1789, eram cinquenta milhões por ano!

Se a Revolução tivesse o fim essencial que Marx lhe atribui, os nossos predecessores escolheram bem mal a solução que adotaram; muitos economistas têm mostrado que a liquidação da feudalidade foi feita noutros países por processos que tiveram, sobre o futuro dos povos, consequências menos pesadas do que as de Revolução francesa. O desaparecimento do regime senhorial teve tantas vantagens para os produtores que estes puderam, sem dificuldade, pagar a sua própria libertação. Se a aproximação proposta por Marx fosse válida deveríamos então concluir, por analogia, que a passagem da economia capitalista para uma economia de ordem superior deveria permitir redimir as empresas atuais e que, por consequência, uma catástrofe semelhante à de Revolução francesa constituiria uma solução bárbara.

Em 1847, Marx estava demasiado dominado pelas suas paixões revolucionárias para poder pensar em tais objeções. Em 1859, já não se ocupava com a Revolução francesa, mas unicamente com a futura revolução proletária; falava inspirando-se nos quadros do *Manifesto comunista*, mas deu à sua tese uma forma tão abstrata que não foi impedido pelas dificuldades que lhe poderiam ser suscitadas por uma análise mais focada em detalhes concretos; completou o seu esquema com uma frase relativa à ruína das ideologias, que não corresponde em nada ao que se encontra nos quadros de 1847, mas que recorda, muito brevemente, o que ele tinha escrito sobre o desaparecimento das ideologias, que se seguiria à revolução proletária. O esquema não se relaciona certamente com a história, como inicialmente poderíamos pensar, mas sim com hipóteses sobre o futuro.

* * *

O *Manifesto comunista* tinha por objetivo principal fornecer aos socialistas armas próprias para combater os defensores da burguesia. O esquema revolucionário de 1859 indica qual a via que doravante Marx julgava ser útil para encontrar bons argumentos contra o

regime capitalista. Logo a seguir, indica as vias em que lhe parece mal entrar; avisa os socialistas (sempre demasiado apressados para discutir no terreno ideológico) que não se deve julgar [31] uma época agitada partindo de teorias que os atores do drama compõem para explicar a luta social a si próprios; não pensamos julgar um indivíduo pela opinião que ele tem de si próprio; estas teorias precisam antes de ser explicadas pelo conflito que existe entre as forças sociais produtivas e as relações de produção. Assim, os socialistas deverão antes permanecer fiéis aos argumentos que respondem às indicações do esquema.

Vêm a seguir três princípios sobre os quais é preciso chamar a atenção vigilante das pessoas que queiram aprofundar este documento de forma completa. Estes princípios não estão evidentemente destinados a guiar o historiador nas suas investigações; os seus enunciados são de tal forma vagos que, por vezes, nos podemos interrogar para que é que podem servir; mas dar-lhes-emos uma importância excessiva se os considerarmos como conselhos de prudência dirigidos aos revolucionários que acreditam poder forçar a marcha dos acontecimentos por uma vontade potente guiada por uma imaginação criadora muito rica. Tais regras não podem ser formuladas senão de uma forma muito flexível, tanto por razão das suas origens como pela maneira de as aplicar. Na realidade, baseiam-se apenas sobre alguns factos, interpretados por pessoas com um espírito particularmente engenhoso. Para serem utilizadas como convém, é preciso que os homens avisados saibam adaptar o pensamento do mestre no sentido de sua experiência pessoal. Logo, nada se parece menos com leis do que estas recomendações.

Lendo os três textos seguintes, é impossível ter dúvidas sobre a sua natureza:

1. “Uma formação social nunca desaparece antes que estejam desenvolvidas todas as forças produtivas que é capaz de agrupar [32] “;

2. “As novas relações de produção de uma ordem superior [33] nunca tomarão o lugar das antigas antes que as suas condições materiais de existência [34] estejam maduras, no seio de antiga sociedade [35] “;

---

[31] heunheilen
[32] für die sie weil genug îst
[33] neue hoeJiere Produktions- verhaeltnisse
[34] die materiellen Existenzhedingungen derselben
[35] im Schootz deralten Gesellschaft selbst ausgebrütet worden sind

3. “A humanidade nunca se põe problemas [36] que não possa resolver; porque, vendo as coisas de perto, apercebemo-nos que um problema só eclode [37] quando as condições materiais da solução [38] já existem [39] ou, pelo menos, estão em processo de vir a existir [40] “.

Esta última regra é evidentemente enunciada para afastar os socialistas da utopia; mas a restrição que inclui permite ainda muita liberdade; se não fizesse esta restrição, Marx condenar-se-ia a si próprio; pois, um pouco adiante, põe o problema do antagonismo das classes e anuncia a solução. “As forças produtivas que se desenvolvem no seio da sociedade burguesa criam [41], ao mesmo tempo, as condições materiais para a solução desse antagonismo”.

O exame crítico deste conselhos consegue mostrar como toda esta parte do prefácio de 1859, que começa pelo esquema revolucionário, não se deve entender como um ensino de métodos históricos, mas antes como um ensino de métodos de polémica recomendados aos socialistas.

***

A economia moderna apresenta uma carateristica que muitas vezes pareceu paradoxal aos psicólogos; inclui as atividades mais correntes dos homens e, no entanto, pode dar origem a uma ciência com a elegância de uma mecânica racional. Existem outros géneros sociológicos também parecem comportar um desaparecimento de toda a consideração psicológica, de maneira que poderíamos comparar certas géneses históricas a certas géneses físicas.

Por exemplo, Marx escreveu, no *Capital*: “A legislação fabril, essa primeira reação consciente e metódica [42] da sociedade contra o seu próprio organismo, tal como o tinha feito o

---

[36] Aufgaben
[37] entspringt
[38] die materiellen Bedingungen ihrer Loesung
[39] Convém recordar uma frase desta fórmula que aparece em Capital. Marx diz que a necessidade de um meio geral de trocas é sentida tanto mais vivamente quanto estas se tornam mais numerosas e mais variadas; e adiciona: “O problema aparece simultaneamente com os meios para o resolver. (Die Aufgabe enstpringt mit den Mitteln ihrer Loesung)”. Marx, loc. cit., p. 36, col. 1 ; texto allemão, 4® éd., p. 54.
[40] im Process Pires Werdens hegriffen sind
[41] schaffen
[42] ersfe hewusste und planmaessige Rückwirkiing

movimento espontâneo da produção capitalista [43], é um fruto tão natural da grande indústria como os caminhos de ferro, as máquinas automáticas e o telégrafo elétrico" [44].

Este texto é fácil de compreender. Os homens que levaram o parlamento inglês a votar leis que limitaram a duração do trabalho nas fábricas agiram sob a influência dos motivos mais diversos; é fácil reconhecer, ao seguir a história desta legislação no *Capital*, que o parlamento não decidiu pelas razões de interesse geral que os sábios fizeram valer para justificar as reformas feitas, quando os seus resultados apareceram como sendo benéficos para toda a gente [45]. Quando se procura desfazer o complicado imbróglio desta génese legislativa, rapidamente nos apercebemos que perdemos o nosso tempo se nos fixarmos nos detalhes; tanto quanto se queira compreender os progressos da indústria moderna estudando os inventores a quem se devem as inúmeras máquinas que a indústria emprega. Neste ponto as atividades estão emaranhadas nos resultados e já não nos interessa discernir entre as vontades individuais.

Podemos, portanto, dizer da economia moderna (e de um grande número de fenómenos sociais) que os movimentos são cegos, inconscientes ou quase materiais; acabamos de ver que Marx os nomeia como espontâneos, naturais ou necessários; desde há muito que a sua terminologia me pareceu adequada para gerar equívocos.

a) Quando se estuda a história de um movimento sensivelmente cego, não há qualquer inconveniente em o comparar às mudanças tratadas pelas ciências naturais; mas é muito diferente quando falamos desse movimento de uma forma geral, considerando-o, à vez, tanto no passado como no futuro. No primeiro caso a terminologia marxista é inútil porque não se ajusta em nada aos nossos conhecimentos; no segundo caso, induz-nos erradamente em acreditar que podemos prever o futuro por analogia com o passado, como se existisse uma lei física impondo um mesmo impulso ao movimento ao longo de todos os tempos; as hipóteses com uma semelhança, por vezes muito medíocre, podem-se transformar em teoremas infalíveis.

---

[43] auf die nafunuüchsige Gestalt ihres Produktionsprocesses

[44] Marx, loc. cit., p. 108, col. 1, texto allemão, p. 446.

[45] Segundo Marx, isso aconteceu depois de 1860. "O renascimento físico e moral dos trabalhadores abriu os olhos aos menos clarividentes ... Os fariseus da *economia política* puseram-se a proclamar que a nova descoberta da sua *ciência* era ter reconhecido a necessidade de uma limitação legal de jornada de trabalho" loc. cil., (p. 127, col. 2). Uma nota diz-nos que Marx faz aqui alusão a Newmarch, o continuador de Tooke.

Os contemporâneos de Marx, observando como se produziu a passagem da pequena produção para uma indústria gigantesca, podiam não ver inconvenientes em deixar qualificar este movimento como espontâneo, natural ou necessário, em vez de o qualificar como cego, inconsciente ou quase material. Se nos reportarmos ao esquema revolucionário que Marx traçou no penúltimo capítulo do primeiro tomo do *Capital*, rapidamente reconhecemos os inconvenientes da terminologia marxista. Os chefes da indústria são, segundo ele, continuamente suprimidos pela concorrência dos potentados do capital, cujo número não pára de diminuir; a miséria dos trabalhadores aumenta; o mundo caminha para uma catástrofe; o desaparecimento dos empreendedores médios "faz-se pelo jogo das leis imanentes da produção capitalista"; e a produção capitalista engendra, ela mesma, a sua própria negação com a mesma fatalidade que preside às metamorfoses da natureza [46]. Não falaríamos com mais segurança sobre resultados de cálculos astrónomicos.

Esta sofística teve grandes consequências na propaganda socialista, porque os revolucionários puderam, graças a ela, assumir pontos de vista muito problemáticos sobre o futuro como sendo verdades certas; os chefes do partido obtiveram assim a confiança absoluta dos seus aderentes; compreende-se que desejassem manter os equívocos que são tão favoráveis aos seus interesses; mas os interesses de história não são os mesmos que os de social democracia e devemos rejeitar energicamente, nos estudos históricos, a terminologia marxista da necessidade.

b) Apesar de Marx ter sempre falado dos sociólogos idealistas com o maior dos desprezos, a sua linguagem assemelha-se muitas vezes, e de uma forma estranha, àquela de uma homem que atribuía à história a missão de executar os decretos da razão. Vimos, na representação da Revolução francesa, que as algemas em que a feudalidade meteu a produção deviam ser destruídas e que foram realmente destruídas; no antepenúltimo capítulo do primeiro volume do *Capital*, a catástrofe esperada é apresentada como sendo a conclusão de um movimento da dialética hegeliana; etc.

Marx disse-nos, ele próprio, quais as razões que o levaram a adotar essa linguagem; próximo do final do prefácio escrito em 1873, para a segunda edição do *Capital*, lê-se: "O

[46] erzeugt mit der Nothwendigkeit eines Naturprocesses ihre eigne Negation

processo de exposição precisa de se distinguir *formalmente* do processo de investigação [47]. À investigação compete definir a sua matéria, com todos os seus detalhes, analisar as diversas formas de desenvolvimento e descobrir as suas ligações íntimas. Uma vez ultrapassada essa fase, todo o movimento real pode ser exposto no seu conjunto [48]. Se tivermos sucesso nisso, e se a vida da matéria se refletir na sua reprodução ideal [49], esta miragem pode fazer crescer numa construção *a priori* [50] “.

Assim, o idealismo não era, para Marx, senão um artifício de retórica que permitia empregar imagens que dão uma impressão particularmente clara do movimento. As disciplinas socialistas de Marx não tinham, em geral, um grande espírito crítico; afirmando que o movimento social é necessário e encontrando este movimento descrito numa linguagem em tudo semelhante à que é usada pelos professores de física, acreditaram que as fórmulas eram rigorosamente adequadas a uma realidade científica.

No ensino da física, a prática mais habitual é expor, em primeiro lugar, as teorias; a seguir, fazemos experiências para mostrar aos alunos como a teoria coincide com os fenómenos; mas os alunos não vêm estas experiências como uma demonstração da teoria; aos seus olhos, não são mais do que uma aplicação das verdades da ciência. Os americanos empregam muitas vezes, e com sucesso, um procedimento pedagógico completamente oposto; não tentam expôr os resultados das investigações, mas sim pôr os estudantes no caminho da sua *redescoberta* [51]; este método é especialmente conveniente para as pessoas em que pretendemos inspirar este espírito de inquietude perpétua que atormenta os grandes inventores. Entre nós, pelo contrário, queremos inspirar ao estudante uma confiança perfeita na ciência instituída; a experiência prova que o nosso método exerce um fascínio tão grande sobre o espírito que por vezes, ultrapassa o objetivo, chegando mesmo a inspirar uma verdadeira superstição.

Os chefes da social democracia encontraram em muitas das superstições que promoviam, entre os seus aderentes, a linguagem idealista empregue por Marx e ainda mais exagerada pelos seus sucessores; os socialistas acreditaram que possuíam *uma espécie de astronomia histórica*, descoberta para eles por uns génios extraordinários; o partido

---

[47] miiss sich die DarsteU lungsiveise formell von der Forschimgsiveise iinierscheiden
[48] kann die luirkliche Beiuegung entsprechend dargestellt luerden
[49] Gelingt diess und spiegelt sich nun das Lehen des Stoffs ideell luieder
[50] so mag es aiissehn, aïs habe man es einer Konstruktion a priori zuihiin
[51] Gustave Le Bon, *Psychologie de l’éducation*, 13ª ed., p. 53.

beneficiou, até estes últimos tempos, do enorme prestígio de que a ciência gozava junto de todas as classes e que ainda nada diminuiu no mundo do ensino primário. É por isso muito natural que os intelectuais socialistas tenham o gosto pelo sofismas que, afastando qualquer dúvida do espírito dos seus ouvintes ingénuos, os entrega sem defesa à sua autoridade; mas o verdadeiro historiador deve desconfiar da terminologia marxista, que tende a falsear as carateristicas específicas de história.

c) Logo que ficamos convencidos que um certo tipo de fenómeno pertence a um certo tipo de necessidade, ficamos, em simultâneo, convencidos que estes fenómenos devem ser inteligíveis, pelo menos na sua parte mais importante. Todos estão de acordo com este princípio; mas poucos têm refletido sobre a forma de o aplicar. No segundo prefácio do *Capital*, Marx diz que o seu método é exatamente o oposto do método de Hegel: "Para Hegel o movimento do pensamento [52], que ele personifica sob o nome de ideia, é o criador da realidade, a qual não é senão a forma fenomenal da Ideia [53]. Para mim, pelo contrário, o movimento do pensamento não é mais do que a reflexão do movimento real, transportado e transposto para o cérebro do homem" [54] ". Daí resulta, evidentemente, que para tornar inteligível um género com uma necessidade nova é preciso fazer um trabalho construtivo, sob a razão, que levará à adaptação a este novo género.

Este trabalho pode, por vezes, apresentar dificuldades extremas. Os gregos transmitiram-nos um sistema maravilhoso de inteligibilidade, que deu provas nas ciências físicas, porque a razão foi adoptada pelos gregos ao movimento das coisas invariáveis, na forma de leis eternas. Desde que os biólogos aceitaram a hipótese evolucionista, os filósofos fizeram os maiores esforços para adaptarem a razão a um sistema de variação das espécies: mas ainda não o conseguiram; Bergson é o único que terá chegado a alguns resultados, graças a uma audácia que surpreendeu muitos dos seus contemporâneos.

Até ao dia em que o sindicalismo revolucionário assumiu um desenvolvimento importante, os socialistas não encontraram no mundo uma realidade sob a qual pudessem tentar adaptar a razão; no entanto, queriam estabelecer a inteligibilidade de uma movimento histórico necessário para a catástrofe do capitalismo; quase todos resolveram esta questão da

[52] Denkprocess
[53] Demiurg des Wirkliclien, das nur seine aeussere Erscheinung h^7def
[54] Bei mir ist ungekehrt das Ideelle nichts andres als das im Menschenkopf umgeseizte undübersetzte Materielle

forma mais grosseira. Acreditaram que a inteligibilidade da revolução estava suficientemente demonstrada pelos argumentos que demonstravam o absurdo do regime capitalista e que tinham construído esses argumentos servindo-se refinadamente das premissas da ideologia burguesa; mas também mostraram que não compreendiam nada dos princípios da filosofia.

No *Manifesto Comunista*, o próprio Marx não se privou de empregar esses sofismas; no prefácio de 1859, condenou-os implicitamente; mas acreditou que não os devia condenar em termos discretos, de maneira a não impedir os propagandistas de os utilizarem, para o melhor proveito do partido. Temos aí um dos exemplos dessa duplicidade que a sua situação de agitador popular impôs, por mais do que uma vez, a Marx [55].

Encontramos na escrita do próprio Engels uma confissão curiosa dessa duplicidade que conduziu os sociais democratas a deixarem cair, muitas vezes, as doutrinas marxistas para as jactâncias democráticas. No prefácio que escreveu, em 1884, para a tradução alemã de *Misère de la philosophie*, afirma que Marx nunca fundamentou as suas ideias socialistas sobre a consideração de uma injustiça que apresentasse o regime dos fins lucrativos; segundo Engels, fundamenta-os apenas sobre "a *ruína necessária* do modo de produção capitalista que, cada vez mais, todos os dias se realiza sob os nossos olhos" [56]. Mas, duas páginas a seguir, Engels não vê problema em perturbar os "bons sentimentos do bravo burguês", explicando a teoria da mais valia, segundo a qual o lucro parece resultar de uma violação dos princípios da justiça burguesa, "princípios que a sociedade põe continuamente de lado" [57].

* * *

Muitas vezes apresentou-se o materialismo histórico como sendo um determinismo económico, ou seja, como sendo uma doutrina segundo a qual toda a explicação verdadeiramente aprofundada de uma qualquer questão histórica se deve encontrar em causas a descobrir na economia. Se os autores que propuseram esta ideia bizarra tivessem o menor conhecimento das origens hegelianas do pensamento de Marx, nunca teriam pensado em

---

[55] Mar e Engels nunca ousaram criticar publicamente os publicistas que desonravam a doutrina do materialismo histórico através de aplicações ridículas; só depois de morte de Engels é que foram impressas as quatro cartas em que ele recomendava mais prudência. Seligman cita fragmentos de duas de entre elas (p. 148-150). Em *Devenir social,* março de 1897, encontra-se a tradução de três dessas cartas.

[56] Marx, *Misère de la philosophie*, edição de 1896, p. 12.

[57] Marx, op. cit,, p. 14.

enunciar os disparates que ensinaram com aprumo acerca deste assunto. Uma maneira semelhante de conceber as relações entre economia, de uma parte, e direito, instituições religiosas, arte, religião, filosofia, da outra parte, é, na realidade, o menos hegeliana que seja possível; o momento inferior da economia não poderia ter sob a sua dependência os momentos que ascenderam acima dele; é como pretender que as causas físico-químicas determinam sozinhas, por si só, os fenómenos da vida.

Aquilo que Marx chama *infraestrutura económica* são os *sistemas de necessidades* que Hegel tinha colocada na base da sociedade civil. Na economia geral do país, a filosofia distinguia os estados [58] "que assentam cada um sobre uma base especial de subsistência [59] e que, por consequência, têm formas de trabalho, necessidades e meios para os satisfazer, fins e interesses, assim como uma educação espiritual que estão em harmonia" com essa base de subsistência [60]. Reconhecemos neste enunciado o princípio da divisão em classes, que Marx viria a adotar para o estudo de todo o movimento histórico; na época de Hegel, os alemães estavam de tal modo passivos que devemos considerar as classes como grupos obtidos pela adição de grandezas com o mesmo nome; não existiria ainda consciência de uma solidariedade de classe [61].

Hegel acreditava que a divisão em três estados é determinada "seguindo os momentos do conceito"; aqui é vítima de uma ilusão, como lhe aconteceu muitas vezes; toma como absoluto aquilo que não é mais do que uma produção histórica: os seus três estados correspondem à vida economica da Alemanha antiga, que ainda não conhecia a indústria capitalista. O estado agrícola vive de uma maneira patriarcal, contenta-se com o que Deus lhe envia e não aspira a qualquer riqueza; o estado da reflexão ou dos negócios (que compreende o operário, o fabricante e o comerciante) utiliza os produtos da natureza; os indivíduos que o compõem adquirem um forte sentimento do seu valor pessoal; o estado pensante é mantido pela sociedade, para trabalhar no interesse geral.

Marx libertou-se desta teoria e considera a divisão em classes de uma maneira puramente histórica; em 1851, distinguia cinco classes na Alemanha: nobreza feudal, burguesia capitalista, pequena burguesia, proletariado industrial e mundo agrícola que, por sua vez, compreendia quatro frações: agricultores grandes e médios, pequenos proprietários

---

[58] staende
[59] Subsistenzbasis
[60] Hegel, *Philosophie de l'esprit*, trad. franç., tomo II
[61] Hegel, *Philosophie de l'esprit*, trad. franç., tomo II

livres, proprietários submetidos às rendas de origem feudal e trabalhadores agrícolas [62]. Hoje em dia, um estudo social de Alemanha precisaria de ser feito noutras bases.

Na maior parte das vezes reduziu-se de forma muito abusiva o número de considerações que devem entrar no conhecimento da economia, segundo os métodos marxistas. O prefácio de 1859 só fala do desenvolvimento das forças produtivas; mas já sabemos que este prefácio é muito pobre em ensinamentos utilizaveis para o historiador: a palavra classe não figura aí e, contudo, ninguém sonharia falar da situação de uma nação, seguindo as idéias de Marx, sem se ocupar, antes de tudo, com as classes.

Há uma frase no *Capital* que tem sido muitas vezes citada para desnaturar o pensamento de Marx sobre esta questão: "Os instrumentos de trabalho são os *gradímetros* do desenvolvimento do trabalhador e os *expoentes* das relações sociais em que trabalha"; alguns comentadores acreditaram que podiam concluir desta fórmula que a psicologia humana e as instituições são determinadas pelo estado da técnica industrial. É sempre perigoso isolar um texto de Marx; vamos reproduzir e analisar o contexto e ver-se-á que o autor não tinha em vista a teoria simplista que se lhe associou.

"Os detritos dos antigos meios de trabalho têm, para o estudo [63] das formas económicas das sociedades desaparecidas [64], a mesma importância [65] que a estrutura dos ossos fósseis têm para o conhecimento [66] da organização das raças extintas [67]. O que distingue [68] uma época económica da outra é menos aquilo que se fabrica [69] do que a maneira de fabricar, os meios de trabalho pelos quais se fabrica [70]. Os instrumentos de trabalho são os *gradímetros* do desenvolvimento do trabalhador [71] e os *expositores* [72] das relações sociais em que trabalha". A seguir, Marx aconselha a dar mais importância aos aparelhos mecânicos do

---

[62] Marx, *L'Allemagne en i848*, trad. Rémy, pp. 5-15.
[63] Beurtheilang
[64] oekonomischer Gesell'schaftsformationen
[65] Wichtigkeü
[66] Erkenntniss
[67] Usando no primeiro caso Beuriheilung e ErkenntnisSy no segundo caso, Marx quis dar a entender que o arqueólogo está menos bem armado do que o geólogo.
[68] unterscheidet
[69] Numa nota, Marx diz que "de todas as mercadorias, as mercadorias de luxo propriamente ditas são as mais insignificantes no que diz respeito à comparação tecnológica de diferentes épocas de produção".
[70] wie, mit welclien Arbeitsmitteln gemacht luird
[71] Gradmesser der Entwieklung der menchlichen Arheitskraft
[72] Anzeiger

que aos recipientes, como carateristicas [73] específicas de uma época; só nos nossos dias é que a química deu um papel importante aos vasos. Numa nota, assinala que os naturalistas classificaram as épocas pré históricas "conforme o material das suas armas e utensílios"; tratar-se-ia de alargar este método a toda a arqueologia [74].

A fórmula anteriormente discutida perde todo o seu caráter paradoxal quando a colocamos neste contexto. Marx tinha em vista a constituição de um *museu de arqueologia social*; interroga-se como aí poderia constituir uma classificação satisfatória; não diz que instrumentos determinam a psicologia do trabalhador, mas antes que eles permitem medir o que se pode extrair da força dos trabalhadores; aconselha a dar a cada sala do museu um nome correspondente ao avanço de técnica.

Tudo isso é bastante claro. Bem mais importante é uma nota célebre em que Marx se refere a este belo pensamento de Vico: que a história do homem é para nós mais acessível do que o conhecimento da natureza, porque essa história é feita por nós. Acrescenta: "A tecnologia põe a nu o modo de ação [75] do homem em relação com a natureza, o processo de produção da vida material e, por consequência, a origem das relações sociais e das idéias ou concepções intelectuais que daí decorrem" [76]. Diz que tal estudo até pode ser útil para a história das religiões [77]. Na realidade, o texto alemão não tem o mesmo aspeto que a sua tradução francesa; esse parece fazer depender, talvez demais, a história dos meios de trabalho do uso da palavra "origem".

Na realidade, Marx nada diz aqui a mais do que já tinha dito numa nota na página que examinamos antes. Lamentava-se que os historiadores tenham ignorado "a produção material, base de toda a vida social e, por consequência, de toda a história real [78] " [79]. Nestes dois textos, Marx declara ser necessário seguir os progressos da técnica, mas de modo algum pretende que este conhecimento seja suficiente para se poder representar uma economia do passado.

---

[73] Charaktermerkmale
[74] Marx, *Capital*, loc. cit., p. 77, col. 2 ; texto alemão,pp. 142-143.
[75] entldilU das aldiue Verlialten
[76] den unmittelbareii Prodiildionsprocess seines Lehens, dainit auch seiner qesellschaftlichen Leheosuerhaeltnisse und der ihnen enfquellenden geisiigen Vorstellungen
[77] Marx, *Capital*, loc. cit., p. 162, col. 1 ; texto allemão, p. 336. Seligman reproduz este fragmento nas p. 48-49 da edição inglesa
[78] Enhvicldung der materiellen Produktion, also die Grundlage ailes gesellschaftlichen Lebens und daher aller luirklichen Geschichte
[79] Marx, loc. cit., p. 77, col. 2 ; texto alemão, p. 143.

Que a economia seja muito mais complexa do que dizem aqueles que querem reduzir tudo só ao conhecimento das forças produtivas, é o que resulta de uma passagem que raramente é citada: "Abstraindo do modo social de produção[80], a produtividade do trabalho depende das condições naturais do meio em que se realiza [81]. Estas condições podem-se todas agrupar: seja em relação à natureza do próprio homem, à sua raça [82], etc., seja em relação à natureza que o envolve. As condições naturais externas decompõem-se, sob o ponto de vista económico, em duas grandes classes; riqueza natural em meios de subsistência [83], ou seja, fertilidade do solo, águas envenenadas, etc.; e riquezas naturais em meios de trabalho, tais como as quedas de água, rios navegáveis, madeiras, metais, carvão e assim sucessivamente" [84].

Creio que podemos concluir desta discussão que a infraestrutura economica, como considerada por Marx, é uma economia completa, concreta e, no melhor sentido do termo, uma economia viva [85].

* * *

Posto isto, creio que podemos formular o materialismo histórico da seguinte forma: nunca raciocinar sobre o direito, as instituições políticas, as ideologias de arte, da religião ou da filosofia, sem se representar toda a sua realidade, a vida economica do povo considerado, com a divisão histórica das classes, com o desenvolvimento dos processos técnicos e com as condições naturais da produtividade. Esta abordagem, assim estabelecida, entre a infraestrutura de uma sociedade e a sua superestrutura, lança uma luz viva sobre as coisas que ela inclui e muitas vezes leva para uma via que permite surpreender a sua história [86]. Em cada

---

[80] Von der mehr oder minder entivickelten Gestalt der gesellschaftlichen Produktion abgesehn

[81] Trata-se evidentemente de oficina

[82] Marx atribuía uma importância séria à raça; por exemplo, diz que os "eslavos, em especial os eslavos ocidentais, são uma raça essencialmente agrícola; os alemães conquistaram os países eslavos e levaram para aí a indústria; o comércio e a usura são monopólios dos judeus germanizados" (*L'Allemagne en 1848*, trad. franç., pp. 82-83).

[83] nalürlichen Reichtkam an Lehemmitteln

[84] Marx, Capital, loc. cit., p. 220, col. 2; texto alemão, p. 476.

[85] Seligman cita, nas p. 50-51 do seu livro, uma passagem importante que confirma a minha apreciação e que encontramos na tradução francesa do Capital, tomo III, 2ª parte, p. 387-388

[86] Benedetto Croce definiu o materialismo histórico como eu o faço: "dirigir a nossa atenção sobre a infraestrutura economica de sociedade, a fim de melhor compreender as suas configurações e mudanças" (Matérialisme historique et économie marxiste, trad. franç., p. 128)

género de questões, cada historiador deve desenvolver o seu próprio engenho para mostrar como se relacionam entre si, num determinado tempo, as partes mais interessantes do edifício social: nenhuma fórmula geral poderia ser estabelecida para guiar tais investigações.

Muitas vezes, temos lamentado que o nome dado a esta filosofia fosse de forma a enganar os espíritos que se ficam pelos nomes: no sentido comum do termo, não há qualquer materialismo no sistema de Marx [87]; mas sabemos que, por materialismo, entendia aquilo que é suscetível de ser definido cientificamente, aquilo que possui a precisão de um conhecimento natural [88]. Ao prescrever que se parta de economia para raciocinar sobre a superestrutura, Marx tinha a convicção de que obteria assim classificações muito mais satisfatórias que as de Hegel [89], que distinguia os grandes períodos da história pelas atitudes do espírito. Engels trataria, não sem alguma razão, como sendo "palavreado" a teoria de Hegel sobre a história grega, que considerava como uma "elaboração das configurações da beleza pessoal" [90].

O prefácio de 1859 enumera os géneros que devem ser postos em relação com a economia; é necessário manter essa enumeração, como eu fiz na formula que anteriormente dei para o materialismo histórico; é por isso lamentável o que marxistas demasiado zelosos ensaiaram para fazer entrar a moral neste sistema. António Labriola ficou muito embaraçado com o lugar que lhe devia atribuir: tanto fala de "relações reguladoras do direito e da moral", como se a moral estivesse, tal como o direito, em contacto direto com a economia; como tanto parece mantê-la tão afastada da infraestrutura, como a arte e a religião [91].

A lacuna que a filosofia histórica de Marx apresenta é evidentemente muito grave; não serviria para nada tentar enganarmo-nos sobre a existência dessa lacuna; procurando uma explicação, Marx nunca falou de moral porque nunca estudou o papel histórico da família [92]

Depois da morte do seu amigo, Engels publicou um livro em que descreveu as relações sexuais muito antigas que Lewis Morgan julgava ter descoberto; disse que, para

---

[87] Benedetto Croce, op, cit., pp. 11-12
[88] Marx, Capital^ tome I, p. 162, col. 1, note.
[89] No prefácio de 1859 Marx diz que é preciso separar a superestrutura e as condições de produção, cujas grandes alterações podem ser vistas como fenómenos da natureza
[90] Engels, Religion, philosophie, socialisme, trad. franç. p. 216.
[91] Antonio Labriola, *Essais sur la conception matérialiste de l'histoire*, trad. franç., édition, p. 239 et p. 242. Entre as correções lamentáveis que este autor engenhoso propôs à doutrina de Marx, chama-se a atenção para a substituição de *filosofia* pela *ciência*.
[92] Indiquei esta razão em *Sozialistische Monalshefte*, de setembro de 1898, p. 431-432. Cf. o que diz Seligman sobre um livro de Sutherland relativo às origens do instinto moral, p. 128-129

completar o materialismo histórico, é preciso considerar não só a produção industrial, mas também a reprodução da espécie; mas pensava que este complemento não tinha grande importância senão para os tempos mais primitivos [93]. Engels não compreendeu a questão que tratava: as teses de Lewis Morgan são muito contestáveis [94]; mas, mesmo que fossem verdadeiras, seriam absolutamente inúteis; com efeito, não é entre os povos selvagens que é preciso estudar a família para compreender o seu valor histórico; entre esses povos toda a vida era demasiado atolada na lama da magia para que as instituições e as ideologias pudessem aparecer como sendo as suas verdadeiras carateristicas.

[93] Engels, *Origine de la famille, de la propriété privée et de l'État*, trad. franç., pp. iii-iv.
[94] O professor Flach combateu durante muito tempo as idéias de Lewis Morgan nos seus cursos no Collége de France. Cf. Benedetto Croce, op. cit., p. 143